

Arqueologia do saber de Michael Foucault em perspectiva: da fenomenologia existencial para a epistemologia conceitual

Michael Foucault's archeology of knowledge in perspective: from existential phenomenology to conceptual epistemology

La arqueología del conocimiento de Michael Foucault en perspectiva: de la fenomenología existencial a la epistemología conceptual

Pedro Ragusa^a 

^a Professor colaborador pelo departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pesquisador estagiário no programa de pós-doutorado pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: pedroragusa@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo central desse artigo é mostrar a trajetória de ruptura do pensamento e dos escritos de Foucault com a fenomenologia e a posterior aproximação durante a realização de sua pesquisa arqueológica da epistemologia, tornando-a principal referência teórico-metodológica e temática em seus escritos dos anos sessenta. Dessa maneira, cumpre mostrar com esse estudo como a arqueologia do saber de Michel Foucault migrou em direção à epistemologia francesa após realizar um percurso teórico-metodológico de saída da fenomenologia e, dessa forma, converter-se em uma história das ciências e dos saberes balizada pelos estudos epistemológicos.

Palavras-chave: Arqueologia, Metodologia, Epistemologia, Fenomenologia

Abstract: The main objective of this paper is to show the trajectory of rupture of Foucault's thought and writings with phenomenology and the subsequent approach during his archaeological research of epistemology, making it the main theoretical-methodological and thematic reference in his writings of the sixties. Thus, it should be shown with this study how Michel Foucault's archaeology of knowledge migrated towards French epistemology after taking a theoretical-methodological path out of phenomenology and, thus, becoming a history of science and knowledge marked by epistemological studies.

Keywords: Archaeology, Methodology, Epistemology, Phenomenology

Resumen: El objetivo principal de este artículo es mostrar la trayectoria de ruptura del pensamiento y los escritos de Foucault con la fenomenología y el enfoque posterior durante su investigación arqueológica de la epistemología, con-

Como citar o artigo: RAGUSA, P. Arqueologia do saber de Michael Foucault em perspectiva: da fenomenologia existencial para a epistemologia conceitual. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 53, 2019 DOI: 10.5007/2178-4582.2019.e66800



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

virtuendolo en la principal referencia teórico-metodológica y temática en sus escritos de los años sesenta. Por lo tanto, se debe mostrar con este estudio cómo la arqueología del conocimiento de Michel Foucault migró hacia la epistemología francesa después de tomar un camino teórico-metodológico fuera de la fenomenología y, por lo tanto, convertirse en una historia de la ciencia y el conocimiento. por estudios epistemológicos.

Palabra clave: Arqueología, Metodología, Epistemología, Fenomenología.

1 INTRODUÇÃO

Em algumas entrevistas concedidas em fins dos anos sessenta¹, Michel Foucault, foi questionado acerca do “lugar epistemológico” no cenário intelectual francês em que ele vinha desenvolvendo suas pesquisas. Com a intenção de responder a essas questões a partir do contexto marcado pela oposição e ruptura entre a Fenomenologia e a Epistemologia, ele situou suas pesquisas por meio de um movimento de deslocamento teórico-metodológico no interior desse contexto marcado por duas tradições opostas. Assim, em determinado momento de sua trajetória de pesquisa em fins dos anos cinquenta, Michel Foucault abandona a Fenomenologia e adere a uma prática de pesquisa marcada por uma orientação metodológica e por uma problemática posta pela Epistemologia francesa.

Logo de saída, é importante deixar claro que à arqueologia dos saberes de Michel Foucault, não foi mobilizada pela Epistemologia francesa em sua origem, mas, ao contrário, a descrição arqueológica sobre os saberes, ao ser delimitada pela temática posta pela Epistemologia corresponde a um ponto de chegada no desenvolvimento de sua pesquisa e de seus escritos nos anos sessenta (MACHADO, 2006, p. 34).

Dessa maneira, a ruptura do pensamento e dos escritos de Foucault com a fenomenologia, e a posterior aproximação durante a realização de sua pesquisa arqueológica com a epistemologia, convertendo-a em sua principal referência teórico-metodológica e temática em seus escritos dos anos sessenta, constituem o objetivo central desse artigo. Assim, o fio condutor que direciona essa pesquisa parte da seguinte problemática: Como Michel Foucault rompeu com a fenomenologia, e pôde fazer da Epistemologia Francesa associada a Canguilhem uma importante interface teórico-metodológica em seus escritos arqueológicos?

Para o desenvolvimento dessa problemática central, essa pesquisa procurou responder as seguintes questões: Como Michel Foucault se posicionou em seus primeiros escritos diante das duas tradições da primeira metade do século XX (fenomenologia/epistemologia), ao ter recebido sua formação filosófica? Como Michel Foucault após receber sua formação universitária junto a Fenomenologia Existencial de matriz husserliana pôde migrar em direção a Epistemologia? E, como essa migração de saída e afastamento da Fenomenologia ocorreu por um específico trajeto de pesquisa desenvolvido de maneira singular por Foucault em meio aos estudos epistemológicos?

2 A FENOMENOLOGIA E O CENÁRIO FILOSÓFICO FRANCÊS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Michel Foucault ao ser questionado acerca das influências filosóficas e teórico-metodológicas de sua geração, e pela qual, ele pôde receber sua formação universitária, declarou:

¹ Essas entrevistas foram editadas como texto, e podem ser encontradas na coleção Dits e Escritos FOUCAULT, Michel. *Qui êtes-vous, professeur Foucault?* (1967). **Dits et écrits. Vol. I.** Paris: Gallimard, 1994. p. 629-648. FOUCAULT, Michel. *Entretien avec Madeleine Chapsal* (1966). In: **Dits et écrits. Vol. I.** Paris: Gallimard, 1994. p. 541-546. FOUCAULT, Michel. *Entretien avec Michel Foucault* (1980). In: **Dits et écrits. Vol. II.** Paris: Gallimard, 1994. p. 860-915. FOUCAULT, Michel. *La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu'est aujourd'hui* (1967). In: **Dits et écrits. Vol. I.** Paris: Gallimard, 1994. p. 608-61.

“Pertencço a uma geração de pessoas cujo horizonte da reflexão era definido por Husserl, de um modo geral, mais precisamente por Sartre e, de modo ainda mais precioso, por Merleau-Ponty” (FOUCAULT, 1994b, p. 692). Assim, o filosofista apontou que ate a metade dos anos cinquenta o que se encontrava na universidade francesa em termos de conteudo filosofico, esteve delimitado por um predomínio entre a filosofia fenomenológica com ressonâncias do marxismo e do hegelianismo. Esses foram os fundamentos filosoficos responsáveis pela formação dos estudantes da geração do Pós-Guerra, assim, Foucault pôde declarar: “Na universidade, em compensao, fui conduzido, formado, levado a aprendizagem dessas grandes maquinarias filosoficas chamadas de hegelianismo, fenomenologia [...]” (FOUCAULT, 1994d, p. 874).

Ao lermos os textos de Michel Foucault, sobretudo aqueles escritos durante os anos cinquenta e reconhecidos como proto-arqueológicos,  possível perceber que a fenomenologia representou um importante objeto em seus escritos (MACHADO, 2006). Contudo, o filosofista não se dedicou a uma definição conceitual delimitando exclusivamente o alcance teorico associado ao termo fenomenologia, mas, ao lermos seus textos-entrevistas, encontramos um balanço do filosofista sobre sua carreira e sobre o cenário intelectual francês por onde ele obteve sua formação universitária e desenvolveu suas primeiras pesquisas. Ademais, podemos encontrar algumas sínteses sobre a história do pensamento intelectual na França contemporânea acompanhada de definições genéricas tanto sobre o significado, como também, sobre a carga teorica e a prática metodológica da Fenomenologia. Dessa maneira, podemos destacar o alcance dado por Michel Foucault a essa experiência filosfica em uma entrevista de 1980 sobre esse tema:

A experiência do fenomenólogo , no fundo, uma certa maneira de colocar um olhar reflexivo sobre um objeto qualquer do vivido, sobre o cotidiano em sua forma transitória, para da tirar significações. (...) O trabalho do fenomenólogo, consiste em desdobrar todo o campo de possibilidades ligadas a experiência cotidiana. (...) A fenomenologia procura recobrar a significação da experiência cotidiana para reencontrar em que o sujeito que sou  efetivamente fundador, em suas funções transcendentais, dessas experiências e dessa significação. (FOUCAULT, 1994d, p. 874)

Nesta passagem, Foucault apontou os objetivos gerais da reflexão fenomenológica a partir de um interesse sobre como  possível conhecermos e darmos sentido e significados para as coisas? Ou seja, temos com o advento da Fenomenologia moderna um prolongamento e ao mesmo tempo uma renovação de um antigo e fundamental debate no campo filosfico, a respeito da relação entre sujeito e objeto no processo de conhecimento através da significação realizada pela consciência sobre os fenmenos.

Assim, a fenomenologia na delimitao dada pelo próprio filosofista (FOUCAULT, 1994a), apontou num primeiro momento para a composição de uma tradição de filosofia na França originária com o pensamento fenomenológico de Husserl. Dessa maneira, torna-se justificado e conveniente passarmos mesmo que rapidamente pela proposta fenomenológica matriz de Edmund Husserl.

3 A RECEPO DA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL NA FRANÇA

Como indicamos no início desse artigo, Michel Foucault apontou para a existência de duas posições filosficas opostas na inteligência francesa no início do século XX (ROUDINESCO, 2007). Essa tensão entre duas correntes do pensamento filosfico francês tem sua origem com o debate de recepção e apropriação do pensamento de Husserl na França. Dessa forma, a partir da posição de Sartre delimitada em seu artigo de 1935 intitulado “*Transcendance de l’ego*”, configurou-se a Fenomenologia Existencial (DESCAMPS, 1973, p. 2014), a qual, pôde fundamentar

uma reflexão de caráter fenomenológico sobre a filosofia do sujeito, pela qual, Sartre procurava “radicalizar Husserl numa direção, em que não devia tardar a reencontrar as questões, Sein und Zeit de Heidegger” (FOUCAULT, 1994a, p. 1587).

Contrariamente, e também remontando a alguns problemas fundadores do pensamento de Husserl, constitui-se uma proposta filosófica oposta à dos fenomenólogos existenciais. Nomes como os de Cavailles, Bachelard, Koyré e Canguilhem, desenvolveram suas pesquisas a partir de um interesse pelo conceito e não pelo sujeito numa linha de pensamento chamada de Epistemologia Francesa ou História das Ciências. Essa linha esteve mais preocupada com a “descrição das condições” de possibilidade para o conhecimento, e em que condições pode ocorrer de maneira legítima a produção do conhecimento, sendo essa “produção do conhecimento” o próprio objeto da investigação epistemológica.

Assim, essa clivagem delimitada por Michel Foucault no pensamento filosófico e científico alcançou e constituiu no século XX uma espécie de “jogo” pelo dizer verdadeiro, pelo qual se desenrolou uma oposição entre dois campos teóricos-metodológicos confrontados entre a Fenomenologia francesa e Epistemologia francesa² (SAFATLE, 2013, p. 300).

Feita essa partilha, Foucault localizou seu trabalho e seu programa de pesquisa “científico-filosófico” durante os anos sessenta no interior à segunda linhagem, por meio da influência teórica-metodológica disciplinar da Epistemologia. Nesse sentido, o processo de constituição de sua prática de pesquisa chamada de arqueologia dos saberes o colocou durante sua pesquisa nos anos sessenta em oposição frontal para com a Fenomenologia francesa em sua linha vinculada ao sujeito, e principalmente como veremos, com seus procedimentos de análise sobre o sentido, e por sua reflexão filosófica interessada na significação.

4 A PROTO-ARQUEOLOGIA: O PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO DE MICHEL FOUCAULT ENTRE 1952-1957

Em seu início de carreira, e, em meio ao cenário intelectual dominado pela fenomenologia, Michel Foucault pôde afirmar numa entrevista em 1980, que esteve preocupado por meio do exemplo e ensinamentos de seus professores e “mestres”, com os problemas filosóficos originários com a Fenomenologia e delimitados por conceitos como sentido, significação e sujeito (FOUCAULT, 1994d, p. 861-915). Os intelectuais franceses, ou, a maioria deles no período do Pós-Guerra obtiveram uma formação intelectual e uma bagagem filosófica ofertada pela tradição Fenomenológica Existencial, principalmente pela linha de pensamento atribuída a Sartre e Merleau-Ponty, pensadores de maior prestígio, reconhecimento e sucesso no período dos anos quarenta e início dos anos cinquenta.

Isso significa que de fato houve um período ainda no início dos anos cinquenta,³ em que Michel Foucault pôde desenvolver suas análises, reflexões e procedimentos filosóficos, por meio de um campo

2 Vladimir Safatle, no artigo intitulado: *Literatura como contraepisteme: O lugar da experiência literária na arqueologia foucaultiana do saber*, aponta para uma certa contra-intuição de Michel Foucault ao opor epistemologia e fenomenologia, tendo em vista, que os membros dessas linhas de pensamento não se viam como opositores. Para justificar sua ideia, Safatle escreve: “Basta lembrar aqui as proximidades evidentes entre as perspectivas holísticas de “O normal e o Patológico”, de Canguilhem, e de “A estrutura do comportamento”, e Merleau-Ponty, o que não poderia ser diferente já que os dois eram leitores atentos e influenciados por Kurt Goldstein. Isso sem falar no fato do jovem Foucault de Doença mental e psicologia ter sido influenciado, de maneira decisiva, por um autor que certamente ficaria ao lado da filosofia do sujeito: Georges Politzer de *Critica dos fundamentos da psicologia*.” (SAFATLE, 2013).

3 Na versão brasileira da coleção *Ditos e Escritos*, também é possível encontrar muitas referências de Foucault sobre a fenomenologia durante sua formação universitária, como também, durante seus primeiros anos de pesquisa. Os textos, *Introdução (in) Binswanger* (1954), a primeira versão de, *Psicologia e Doença mental* (1954) (este trabalho também teve uma orientação teórica vinculada ao marxismo, a partir do trabalho em psicologia de Pavlov), *A psicologia 1850 a 1950* (1957), e, *A pesquisa científica e a psicologia* (1957) (MOTTA, 2014b). ESSA OBRA NÃO ESTÁ NAS REFERÊNCIAS

de influência ofertado pela Fenomenologia Existencialista⁴. Ademais, Michel Foucault nos anos cinquenta após receber sua formação como filósofo e psicólogo, trabalhou em hospitais psiquiátricos e motivado por essa experiência desenvolveu um conjunto de reflexões ao escrever seus primeiros textos sobre os fundamentos da psicologia a partir da influência da fenomenologia de Husserl no campo científico (ERIBON, 1990).

Em seus primeiros escritos, Michel Foucault demonstrou um interesse de pesquisa através da realização de “análises das significações imanentes ao vivido, das significações implícitas da percepção e da história” (FOUCAULT, 1994c, p. 640). Dessa maneira, alguns comentadores de seu trabalho delimitam esse período como uma curta pesquisa chamada de “proto-arqueológica”, isto é, um conjunto de análises e de textos escritos no início dos anos cinquenta, influenciados teoricamente por conceitos da fenomenologia husserliana como sentido e significação, exemplos dessa pesquisa foram: “*Introdução à Binswanger*” e “*A Psicologia Científica entre 1850 a 1950*”. (MACHADO, 2006, p. 24)

Essa composição teórica-metodológica dos primeiros anos da carreira de Foucault, fundamentou um interesse e uma prática de pesquisa muito diferente daquilo que o filósofo faria futuramente em sua pesquisa arqueológica nos anos sessenta. Assim, em seus textos chamados proto-arqueológicos o objetivo central de suas análises foi “revelar” o “sentido-significativo entre as relações do sentido e da história, ou também, entre um método fenomenológico e o método marxista” (FOUCAULT, 1994c, p. 642).

No caso específico das reflexões fenomenológicas realizadas por Michel Foucault delimitadas no texto de *Introdução* ao livro de Binswanger *Sonho e Existência*⁵, destaca-se um estilo de fenomenologia existencial, desenvolvida de acordo com o debate entre o pensamento de Husserl e Freud. As reflexões desenvolvidas nesse debate mostram o interesse e a real possibilidade de se criar um método preciso para a decifração da linguagem e da significação dos sonhos, compreendendo a linguagem dos sonhos como uma linguagem que mesmo não sendo racional possibilita a constituição do sujeito.

O conjunto de reflexões realizados por Foucault na *Introdução a Binswanger de Sonho e Existência*, foi desenvolvido em duas direções, isto é, tanto de um ponto de vista teórico-metodológico como também, por um ponto de vista temático. Ambos relativos aos problemas sobre o limite e o alcance dos conteúdos da filosofia fenomenológica de Husserl ao ser apropriada em estudos de psicanálise.

Com a relação ao interesse teórico-metodológico de Foucault, é possível apontar a intenção do filósofo em encontrar um método alternativo ao ofertado pela psicologia de matriz freudiana para a compreensão dos sonhos enquanto fenômenos psíquicos. Já pôr um ponto de vista temático, a *Introdução à A Sonho e Existência* pode ser considerada dentro do conjunto de textos produzidos por Foucault no início dos anos cinquenta como uma retomada “da ideia do sonho ou do imaginário como espaço original constitutivo do homem...” (FOUCAULT, 1994d, p. 894). Dessa maneira, acompanhando a própria posição de Foucault sobre seu interesse de pesquisa até a metade do século XX:

A leitura do que chamamos de “análise existencial” ou “psiquiatria fenomenológica” foi importante para mim na época em que eu trabalhava nos hospitais psiquiátricos e procurava alguma coisa de diferente das grades tradicionais do olhar psiquiátrico, um contrapeso. Seguramente, essas soberbas descrições da loucura como experiência fundamentais únicas, incomparáveis foram importantes. (FOUCAULT, 1994d, p. 864)

4 O tema da relação entre a fenomenologia e o pensamento de Foucault nos anos cinquenta pode ser encontrando nos trabalhos de: NALLI, Marcos. **Foucault e a fenomenologia**. São Paulo. Editora: Loyola. 2006. Nalli, aponta para a formação intelectual de Foucault ser marcada pelos três “H” da filosofia alemã, Hegel, Husserl e Heidegger. E também, RIBAS, Thiago Fortes. **Foucault: Verdade e Loucura no Nascimento da Arqueologia**. Curitiba. Editora da Universidade Federal do Paraná. 2014. E também o artigo do professor, Luiz Damom Santos Moutinho, “*Humanismo e anti-humanismo, Michel Foucault e as desventuras da dialética*” (MOUTINHO, 2014).

5 Trata-se do texto, *Introdução*, para o texto, *Sonho e Existência*. Essa introdução pode ser encontrada na versão traduzida para o português no primeiro volume da coleção Ditos e Escritos (FOUCAULT, 2014a).

Ademais, foi em meio a essa tradição teórica-metodológica que o filósofo precisou se “debater” para conquistar futuramente seu espaço na academia francesa a partir da influência de um eixo teórico posto pela a Epistemologia.

5 A EPISTEMOLOGIA FRANCESA: A HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DE GEORGE CANGUILHEM

Michel Foucault, ao apresentar o cenário filosófico-científico francês no século XX, além de situar o período de sua formação universitária delimitada pela influência da fenomenologia, também destacou a Epistemologia Francesa como o eixo teórico-metodológico por onde ele afirmou ter recebido sua principal influência para o desenvolvimento de sua pesquisa arqueológica (FOUCAULT, 1994a). De acordo com o filósofo, a Epistemologia constitui-se como uma disciplina delimitada tanto por uma prática de pesquisa como por um estilo de pensamento e reflexão filosófica oposta à Fenomenologia de tradição husserliana. Isso significa que em determinado momento de seus escritos e da trajetória de seu pensamento, Michel Foucault realizou uma migração teórico-metodológica um tanto quanto abrupta, pois a conversão de seu pensamento e de seu trabalho moveu-se em direção diversa daquela ofertada em sua formação universitária.

Para Michel Foucault, a Epistemologia encontrou um lugar privilegiado no pensamento científico e filosófico francês a partir de suas preocupações com as condições históricas de produção dos discursos sobre os saberes, com as formas de racionalidade e com a legitimação da positividade dos discursos em suas diferentes modalidades possíveis. Isto é, a Epistemologia colocou em relevo a dimensão histórica da racionalidade a partir das transformações e rupturas ocorridas nos discursos científicos e filosóficos (MACHADO, 2006).

Foi diante dessa perspectiva que Michel Foucault associou seu trabalho durante os anos sessenta aos estudos epistemológicos, colocando o interesse e os fundamentos teóricos-metodológicos de sua pesquisa arqueológica ao lado do trabalho desenvolvido por George Canguilhem. (FOUCAULT, 1994a).

A característica comum entre o trabalho dos epistemólogos franceses foi reconhecida pela prática de um estilo de reflexão filosófica desenvolvido com uma preocupação sobre a construção e desconstrução das teorias, métodos e conceitos.

Assim, os epistemólogos ao invés de depositarem a crença na consciência reflexiva do sujeito como critério para o encontro com a verdade através do uso da razão, optam pela noção de regimes históricos de racionalidade, estratégia de análise que permite o conhecimento das condições históricas na produção dos conhecimentos científicos. Dessa maneira, é possível determinar os limites históricos-científicos possíveis para o conhecimento entre diferentes períodos históricos através de uma história da produção dos discursos com pretensão a verdade.

6 EPISTEMOLOGIA FRANCESA E A HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS: A ANÁLISE HISTÓRICA DOS REGIMES DE RACIONALIDADE A PARTIR DAS PRÁTICAS CIENTÍFICAS.

Michel Foucault indicou que a tarefa e os objetivos científicos atribuídos à Epistemologia enquanto análise histórica dos saberes, seria o de mostrar “em que medida esta história (das ciências) podia contestar ou manifestar seu fundamento absoluto em racionalidade” (FOUCAULT, 1994d, p. 902). E, a partir dessa tarefa ser possível, “determinar as condições estruturais de produção dos discursos em determinado regime de racionalidade existente” (MACHADO, 2006, p.7). Dessa maneira, a abordagem epistemológica sobre os saberes de uma época apresenta um ponto de vista “histórico-epistemológico” relativo a formação e o funcionamento de filiações discursivas muito específicas. Essas filiações resultam da ordem posicional entre os discursos sobre os saberes ao estabelecerem suas relações e seus sentidos de significação (DELEUZE, 1973).

Foi por meio dessa perspectiva sobre a história das ciências delimitada no pensamento e nos escritos de Canguilhem, que filosofia pôde manter com a história das ciências uma relação mais direta do que com a história ou com as ciências propriamente ditas. Isso foi possível sobretudo pela “nova problemática” filosófica desenvolvida com a contribuição dos trabalhos sobre as teorias da física de Gaston Bachelard, e das ciências biológicas com George Canguilhem. (YASBEK, 2008)

A reflexão histórico-filosófica desenvolvida pela disciplina da Epistemologia francesa posta pelos escritos e pelo pensamento de Bachelard e Canguilhem, conferiu a noção de prática científica o próprio objeto e o critério para a verificação dos discursos sobre a verdade. Isto é, a Epistemologia ao definir sua problemática sobre o conhecimento através da noção de prática científica, estabelece que todas as técnicas empregadas na “produção” e “verificação” de provas experimentais sobre o “dizer verdadeiros das ciências” deva ser encarado como o principal interesse do trabalho realizado pelos epistemólogos franceses.

De acordo com os epistemólogos, as práticas científicas são historicamente modificadas ao serem regidas por um conjunto de regras provisórias (temporárias), e nem sempre bem explicadas. Dessa maneira, o interesse epistemológico em delimitar o conjunto de práticas que tornam possível o aparecimento de “um dizer verdadeiro” para as ciências, representou uma inversão teórico-metodológica com relação a postura e a tarefa científico-filosófica da Fenomenologia. A qual, como mostramos procurou reorganizar a validade do conhecimento a partir da noção de experiência significativa do sujeito.

Para a Epistemologia, a prática científica não reproduz a verdade, mas de fato ela a produz, sendo essa produção da verdade desenvolvida de acordo com as diversas regiões possíveis para a constituição de uma realidade científica no interior de um dado regime histórico de racionalidade. Assim, não é possível estabelecer critérios universais ou exteriores em que seja possível avaliar o discurso com pretensão a verdade de determinada ciência somente a nível conceitual.

Logo, a problemática que delimita a preocupação científica da epistemologia é a de fazer notar e descrever não somente como se constituíram os discursos “ditos verdadeiros”, mas principalmente em descrever como se constituem as práticas científicas que introduzem as formas de racionalidade dominante. A descrição e delimitação das práticas científicas que sustentam a racionalidade dominante, não deve excluir as demais práticas científicas e formas de racionalidade consideradas como “erradas”, as quais, mesmo não sendo associadas ao discurso verdadeiro definido pela razão, devem ser compreendidas como uma dentre as muitas possibilidades discursivas existentes nos regimes de racionalidade.

Assim, de acordo com a problemática sobre a descrição das práticas científicas delimitada pelos epistemólogos, tanto o sujeito como a noção de experiência com “sentido-significativo” para o conhecimento deixam de ser o ponto de partida e o fundamento para o ato do conhecimento, tornando-se mais um objeto a ser conhecido internamente em determinado regime de racionalidade. Portanto, diante da perspectiva epistemológica todo o processo histórico e prático de produção e legitimação do conhecimento, seja pelo sujeito, ou por disciplinas científicas, converte-se no próprio objeto da prática científica-epistemológica.

7 EPISTEMOLOGIA E DESCONTINUIDADE HISTÓRICA: RUPTURA E CORTE EPISTEMOLÓGICO.

A perspectiva aberta pelos epistemólogos em delimitar os saberes e os discursos por seu dizer verdadeiro através das práticas científicas, possibilitou um estilo de descrição sobre o aparecimento dos discursos a partir da introdução de uma análise histórica amparada na noção de descontinuidade histórica. Essa perspectiva histórica-descontínua para descrição do aparecimento dos saberes foi retomada no século XX pela epistemologia de Gaston Bachelard. Para o epistemólogo, o conhecimento possibilitado pelas práticas científicas, seja na sua condição de disciplina científica ou mesmo como

um conceito, não deveria ser pensando por algum “começo silencioso” por meio de uma linhagem, ou de seus precursores.

Dessa maneira, tanto um conceito, como uma disciplina científica tornam-se “dizeres verdadeiros” a partir de um conjunto de práticas científicas que implicam em “efeitos múltiplos de padrões de racionalidade histórico de uma época” (FOUCAULT, 1994a, p. 1576). Nessa linha de pensamento, Canguilhem pôde retomar as principais categorias metodológicas da epistemologia de Bachelard a partir de sua introdução sobre uma reflexão sobre o gradiente de racionalidade nas “ciências duras” (física moderna), e aplicá-las como categorias de análise para as chamadas “ciências da vida”: Biologia, Anatomia e Fisiologia.

Durante o desenvolvimento de seu trabalho enquanto um historiador das ciências, George Canguilhem fez bem mais do que assegurar a revalorização de um domínio relativamente negligenciado, “ele remanejou a própria disciplina em pontos essenciais como a descontinuidade histórica no desenvolvimento dos saberes” (FOUCAULT, 1994d, p. 861-915).

Se há uma especificidade da história epistemológica de Canguilhem, é o fato de ter situado a análise da descontinuidade no nível do conceito, segundo ele o mais fundamental entre os elementos dos discursos científicos. (MACHADO, 2006, p.33)

Dessa forma, George Canguilhem deu continuidade as propostas de reconhecimento de uma historicidade radical para o pensamento filosófico e para as práticas científicas. De modo a sustentar que não existe uma lógica geral de cientificidade, mas, apenas uma produção regional de discursos sobre a verdade de maneira sempre provisória.

Roberto Machado, apontou que a ideia de Canguilhem sobre uma perspectiva temporal-descontínua para a história epistemológica, compreende que um conceito é produzido contextualmente em determinado momento da história, e sua formulação ao ser datada com o nome de quem o produziu não corresponde a uma associação legítima entre autor e obra. Assim, um conceito não pode formar-se de uma vez por todas e através de uma razão unitária, nesse sentido, a história das ciências deve ser a “história da formação, deformação e da ratificação de conceitos científicos” (CANGUILHEM, 1994a, p. 194).

A cada movimento de progresso ou desenvolvimento de uma disciplina científica, as fronteiras entre o científico e não-científico são renegociadas, redefinidas e ganham novas problemáticas, na perspectiva de Canguilhem: “a ciência moderna faz da descontinuidade uma obrigação da cultura” (CANGUILHEM, 1994a, p. 194). Assim, a evolução do conhecimento científico possui um itinerário “atravessado por acidentes, retardado ou desviado por obstáculos, interrompido por crises, quer dizer, por momentos de julgamento e de verdade” (CANGUILHEM, 1994c, p. 17-18).

Retomando esse mesmo tema, elaborado por Koyré e por Bachelard, Georges Canguilhem insiste no fato de que a identificação das descontinuidades não é, para ele, nem um postulado nem um resultado: é, antes, uma “maneira de fazer”, um procedimento que se integrou à história das ciências, por que ele é requisitado pelo próprio objeto do qual ela deve tratar. A história das ciências não é a história do verdadeiro, de sua lenta epifania; ela não poderia pretender relatar a descoberta progressiva de uma verdade inscrita desse sempre nas coisas e no intelecto, salvo se se pensasse que o saber atual a possui finalmente de maneira tão completa e definitiva que ele pode usá-la como um padrão para mensurar o passado. E no entanto, a história das ciências não é uma pura e simples história das ideias e das condições e, que elas surgiram e se apagaram. (FOUCAULT, 1994a, p. 1587)

Assim, a Epistemologia francesa na versão posta por Canguilhem pretende avaliar a ciência de um ponto de vista de sua cientificidade, e para realizar tal tarefa elege como instrumento privilegiado

a análise histórica descontínua. Essa perspectiva se justifica tendo em vista a própria condição do objeto ciência, o qual requer uma análise histórica colocada nesses termos.

Dessa maneira, ao tematizar as ciências do ponto de vista de sua cientificidade, os estudos epistemológicos romperam com a tradicional noção sobre os acontecimentos históricos pensados através de uma historicidade cumulativa e continuísta. Essa posição é fundamental de ser destacada, pois permite o estabelecimento de uma reflexão sobre as rupturas e transformações do campo científico como evidência da descontinuidade na história, isto é, através da ocorrência de acontecimentos históricos “limites” no campo científico, os quais foram compreendidos como rupturas ou “cortes epistemológicos”.

Nesta medida, a história das ciências praticada pela epistemologia francesa não é uma história compreendida como a crônica descritiva dos acontecimentos, isto é, uma história do tipo factual e explicada através da sucessão de causas e consequências. Nesse sentido, a história das ciências deve ser uma história das “filiações discursivas-conceituais” na medida em que uma filiação desse tipo “ao possuir o estatuto da descontinuidade”, não deve ser compreendida como um quadro de doutrinas e como progressão dos discursos relativos a verdade (YASBEK, 2006, p. 33-34).

[...] A história das descontinuidades não é adquirida de uma vez por todas; ela é “impermanente” por si mesma, ela é descontínua; deve ser ininterruptamente retomada através de novos esforços. Seria preciso concluirmos daí que a ciência faz e refaz a cada instante, de maneira espontânea, sua própria história [...] (FOUCAULT, 1994a, p. 1589)

De acordo com essa metodologia para a história das ciências, surge uma importante noção para sustentar a perspectiva histórica descontínua sobre a aparição dos discursos científicos, trata-se da noção de ruptura ou “corte epistemológico” (*coupure epistemologique*). Noção fundamental à epistemologia em geral, introduzida pela reflexão bachelardiana e desenvolvida nos trabalhos de história da ciência de George Canguilhem (MACHADO, 2006, p. 33-34).

8 O CORTE EPISTEMOLÓGICO.

O corte epistemológico, corresponde a uma delimitação temporal que marca uma ruptura entre diferentes regimes de racionalidade, isto é, uma transformação radical a nível histórico-linguístico entre os discursos científicos que marcam diferenças históricas. Dessa maneira, a noção de descontinuidade histórica permite o reconhecimento de rupturas epistemológicas a partir da delimitação de “acontecimentos-limites”, assim, o corte epistemológico é um marcador de diferenças entre os códigos linguísticos entre uma época e outra.

A noção de corte epistemológico oferta para a reflexão da história das ciências uma perspectiva contrária a qualquer forma de linearidade e continuidade histórica. Assim, através da delimitação de um acontecimento de ruptura linguística a nível dos saberes, torna-se possível reconhecer as transformações e fissuras entre um regime de racionalidade e outro. Contudo, reconhecer essas transformações não implica em pensar na historicidade dos conhecimentos a partir de um progresso cumulativo e continuísta.

Essas rupturas que marcam descontinuidades históricas podem ser evidenciadas no momento em que a linguagem utilizada no interior de uma ciência torna-se incompreensível na resolução de problemas em sua atualidade, isto é, as práticas científicas dominantes tornam-se ineficazes tendo por referência as bem-sucedidas tentativas anteriores de utilizá-la na resolução de problemas científicos fundamentais. Assim, cabe a Epistemologia a partir de sua apropriação descontínua da história, tornar inteligível este momento de identificação precária e intrincada do pensamento científico ao reconhecer o limite para a produção de uma nova linguagem através da história das ciências (YASBEK, 2008).

Portanto, as duas consequências mais impactantes sobre o pensamento histórico-filosófico ofertada pela Epistemologia francesa nas primeiras décadas do século XX, podem ser delimitadas pela recusa em considerar a existência de um caráter unitário, progressivo e contínuo sobre o discurso racional e científico ao propor a noção de regime de racionalidade. Sendo o fundamento para a delimitação dos limites e transformações entre esses regimes de racionalidade, a introdução de uma nova abordagem sobre a temporalidade histórica numa perspectiva descontínua para os acontecimentos.

Assim, as duas perspectivas abertas e desenvolvidas pelo trabalho de Canguilhem, tanto sobre a descrição das condições históricas para o aparecimento das filiações discursivas nos regimes de racionalidade, como também, sobre a descontinuidade histórica para o aparecimento dessas filiações, foram aquelas que fundamentaram a problemática da pesquisa arqueológica de Michel Foucault, além de fornecer a carga teórico-metodológica necessária para a delimitação da posição filosófica assumida pelo filósofo em oposição a fenomenologia existencial durante sua pesquisa nos anos sessenta.

9 CONCLUSÃO: DA EPISTEMOLOGIA DO CONCEITO DE CANGUILHEM PARA A ARQUEOLOGIA DO SABER DE MICHEL FOUCAULT.

Ainda que a arqueologia foucaultiana guarde influências da Epistemologia francesa, é necessário deixarmos claro uma importante diferença para com o “método” de Michel Foucault. De fato, a arqueologia não pode ser uma Epistemologia ao menos em um ponto: As descrições realizadas pela arqueologia de Michel Foucault diferentemente da Epistemologia francesa não conferem nenhum privilégio a diferença entre discurso científico e discurso pré-científico, dessa forma, para a arqueologia, o saber como objeto de investimento analítico pode ser delimitado nas suas mais diversas manifestações⁶.

Reconhecida essa diferença, torna-se legítimo apontarmos dois traços fundamentais quem marcaram a influência da Epistemologia francesa definida pela linha de Canguilhem sobre a Arqueologia do saber. 1) Através da problemática sobre os regimes de racionalidade. 2) A partir da perspectiva histórica da descontinuidade. Dessa maneira, através desses dois pontos de contato entre essas linhas teórico-metodológica, de que maneira a problemática delimitada pela Epistemologia francesa interveio na arqueologia de Michel Foucault?

A arqueologia de Foucault enquanto “método histórico-filosófico” foi desenvolvida para descrever historicamente as relações entre os saberes em diferentes épocas. Essa tarefa foi realizada a partir de um interesse pelas condições históricas e formais para o aparecimento e desaparecimento do sentido. Dessa maneira, diante de uma perspectiva teórica-metodológica definida ao lado dos estudos da Epistemologia de Canguilhem, a pesquisa arqueológica de Michel Foucault pôde tomar distância da Fenomenologia e desenvolver-se enquanto metodologia com o interesse de colocar em “parênteses” todo o sentido-significativo com pretensão a verdade de uma determinada enunciação discursiva.

A ruptura com a Fenomenologia, e conseqüente migração de Michel Foucault rumo ao campo teórico ofertado pelos estudos epistemológicos, pôde ser justificada pela insuficiência teórico-metodológica da abordagem husserliana e suas ramificações com as filosofias de Sartre e Ponty, desenvolvidas através da análise intencional do sentido e da significação. Ou seja, Michel Foucault “no limite entre a insuficiência da abordagem fenomenológica husserliana, e ao mesmo tempo reanimado pelas pesquisas inovadoras a partir das análises estruturais” (DREYFUS; RABINOW, 2010), rompeu definitivamente com a ideia husserliana sobre a intencionalidade da consciência na construção do sentido,

⁶ Como por exemplo, com os saberes relativos a loucura e expressados pela própria linguagem do louco que foram excluídos do campo da razão.

isto é, Foucault rompe com a perspectiva filosófica que atribui à experiência do sujeito o processo de significação realizado a partir da intuição da consciência sobre o mundo⁷.

[...] em outros termos, reexaminamos a ideia husserliana segundo a qual existe por toda parte um sentido, um sentido que já nos envolve e nos investe antes mesmo de abrirmos os olhos e tomarmos a palavra. (FOUCAULT, 1994c, p. 636)

Isto é, a descrição arqueológica foi desenvolvida como uma prática de pesquisa pela qual, Michel Foucault, contrariamente ao que faz um fenomenólogo, estabeleceu um distanciamento com relação ao conhecimento do sentido-significativo dos atos de fala de determinada enunciação que se diga verdadeira, como por exemplo, o próprio discurso científico das ciências humanas sobre o homem (DREYFUS; RABINOW, 2010).

Logo, a arqueologia de Michel Foucault delimita o discurso sobre a verdade não por sua racionalidade, mas sim, pelas práticas historicamente determinadas que a produzem, assim, os discursos não são analisados e descritos por sua possibilidade de dizer a verdade através de seu sentido-significativo. Dessa forma, o objetivo do método arqueológico foi descrever a nível das práticas discursivas quais foram as condições históricas de formação dos saberes através de diferentes filiações discursivas. Nesse sentido, é necessário dizer que para Michel Foucault a “história das ciências” converteu-se pelo uso do método arqueológico numa história dos regimes de racionalidade ao nível dos saberes. Assim, o uso do método arqueológico permitiu a Michel Foucault constituir uma crítica a ideia de uma racionalidade global e unitária, o que significou conseqüentemente uma crítica a própria noção de sujeito racional.

Portanto, é legítimo concluir que Michel Foucault de maneira um tanto quanto inesperada e descontínua direcionou seu interesse e a fundamentação teórico- metodológica de sua pesquisa para uma reflexão filosófica delimitada pelas condições históricas de produção, aparecimento e transformação do sentido sobre os discursos dos saberes, a princípio essa conversão foi feita em torno da psicologia (História da Loucura) e depois foi estendida as demais ciências humanas (As Palavras e as Coisas).

Dessa maneira, Michel Foucault se desinteressou e rompeu com as análises em torno da Fenomenologia Existencial para migrar e aproximar-se da corrente filosófica delimitada pela Epistemologia Francesa de Canguilhem. Foi esse o campo teórico- metodológico que lhe forneceu o tema e a problemática para sua pesquisa arqueológica, além de algumas noções conceituais que foram introduzidas durante a realização de seu método arqueológico.

Essa migração teórica-metodológica de Michel Foucault remonta a metade do século XX, de fato, se aceitarmos que História da Loucura, considerada o marcador literário inicial de sua pesquisa arqueológica foi escrita em fins dos anos cinquenta e apresentada em 1960, é possível delimitarmos esse momento da obra de Michel Foucault como aquele que representou sua ruptura teórico-metodológica em direção a uma reflexão de caráter histórico-epistemológico. A perspectiva teórico-metodológica de Canguilhem, ao ser apropriada por Foucault, possibilitou a introdução em domínios como o da história das ciências de uma história descontínua sobre o aparecimento das ciências, e isso foi feito através da descrição da sucessão dos regimes históricos de organização dos saberes, o qual, Michel Foucault nomeou como Epistemes.

7 O interesse pelo sentido-significativo realizado pela consciência, passou a ser compreendido de maneira totalmente oposta a fenomenologia, isto é, o sentido deixa de ser o fundamento para a significação da consciência, e passa a corresponder a *um efeito de superfície*, sendo o importante e necessário conhecer as condições históricas de produção do sentido e não seu significado. “*Acredito que, como para todos de minha geração, aconteceu comigo, entre os anos de 1950 e 1955, uma espécie de conversão que parecia desprezível no início, mas que, em realidade, na sequência nos diferenciou profundamente: a pequena descoberta, ou, se você preferir, a pequena inquietação que esteve em sua origem, foi a inquietude em face as condições formais que podem fazer com que a significação apareça (...) Para os da minha geração, o sentido não aparece sozinho, ele não está “já aí”, ou melhor, “ele já está aí”, sim, mas sob certo número de condições que são condições formais. E, desde 1955, nós nos consagramos principalmente à análise das condições formais do aparecimento do sentido*” Cf: FOUCAULT, Michel. *Qui êtes-vous, professeur Foucault?* (1967). **Dits et écrits. Vol. I.** Paris: Gallimard, 1994. p. 629-648.

Referências

- CANGUILHEM, George. “Le rôle de l'épistémologie dans l'historiographie scientifique contemporaine”. *In: Ideologie et rationalité dans l'histoire des sciences de la vie*. 1994a.
- CANGUILHEM, George. Gaston Bachelard et les Philosophes. *In: Études d'histoire et de Philosophie des Sciences*. 1994b.
- CANGUILHEM, George. “L'objet de l'histoire des sciences”. *In: Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1994c.
- DESCAMPS, Christian. Os Existencialismos. *In: CHATELET, François. História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX*. São Paulo. Zahar Editora. 1973.
- DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.
- DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2º Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ERIBON, Didier. **Foucault, 1926-1984**. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.
- FOUCAULT, Michel. La vie: l'expérience et la Science. (1985) **Dits et écrits. Vol. II**. Paris: Gallimard, 1994a. p. 1583-1595.
- FOUCAULT, Michel. Foucault répond à Sartre. (1968). *In: Dits et écrits. Vol. I*. Paris: Gallimard, 1994b. p. 690-696.
- FOUCAULT, Michel. Qui êtes-vous, professeur Foucault? (1967). *In: Dits et écrits. Vol. I*. Paris: Gallimard, 1994c. p. 629-648.
- FOUCAULT, Michel. Entretien avec Michel Foucault. (1980). *In: Dits et écrits. Vol. II*. Paris: Gallimard, 1994d. p. 860-915.
- FOUCAULT, Michel. Introdução (in Biswanger). *In: Ditos e Escritos, volume I. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. 3º Edição. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária. 2014a.
- FOUCAULT, Michel. A psicologia científica. 1850–1950 . *In: Ditos e Escritos, volume*. 3ª Edição. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2014b.
- FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault? *In: Ditos e Escritos, volume X. Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade*. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2014.
- GREGOLIM, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso. Diálogos e Duelos**. São Carlos. Claraluz. 2006.
- LIMA, António Balbino. **Ensaio sobre Fenomenologia, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus. EDITUS. 2014.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: JZE. 2006.
- MOUTINHO, Luiz Damom Santos, **Humanismo e anti – humanismo, Michel Foucault e as desventuras da dialética**. Revista Natureza Humana, Volume 6, número 2. São Paulo, dezembro de 2014.
- NALLI, Marcos Alexandre Gomes. **Foucault e a Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2006.
- RIBAS, Thiago Fortes. **Foucault: Verdade e Loucura no Nascimento da Arqueologia**. Curitiba. Editora da Universidade Federal do Paraná. 2014.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Os filósofos da tormenta, Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2007.

SAFATLE, Wladimir. Literatura como contraepisteme: O lugar da experiência literária na arqueologia foucaultiana do saber. *In: O Mesmo e o Outro. 50 anos de História da Loucura*. Organização: Salma Tannus Muchail, Márcio Alves da Fonseca, e Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte. Editora: Autêntica. 2013.

YEZBAK, André Constantino. **Itinerários Cruzados: Os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault**. Tese de Doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.

Histórico	Recebido em: 31/07/2019 Revisado em: 28/10/2019 Aceito em: 05/11/2019
Financiamento	Pesquisa financiada pela CAPES